

# ESPIRITUALIDADE E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO: UMA NOVA PERCEPÇÃO DO SER HUMANO A PARTIR DE Gn 2,4B-25

Luiz Alexandre Solano Rossi\*  
Érica Daiane Mauri\*\*

## Resumo

*Neste artigo se pretende contribuir para uma (re)tomada de consciência, em que o ser humano, criatura de Deus, irmanado às demais criaturas, apresenta papel importante no cuidado e salvação do cosmos, encontrando no mandato de Deus “cultivar e guardar” o significado de sua missão existencial. Por meio de uma espiritualidade integrada, que rompe com uma visão antropocêntrica egoísta e leve a uma relação profunda com o Deus Criador e suas criaturas, capaz de promover uma mudança de comportamento, com ações efetivas em prol da preservação e da conservação ambiental. Gênesis 2,15 poderia ser considerado o primeiro e o mais fundamental dos mandamentos. Trata-se do mais fundamental dos mandamentos porque faz com que o humano olhe para a terra de onde ele procede; um olhar para a terra que o antecede e que precisa ser cultivada e guardada. Antes mesmo de cuidar um dos outros, seria necessário cuidar da própria casa que nos abriga.*

**Palavras-chave:** Criação. Espiritualidade. Ecologia. Comportamento. Gn 2,4b-25.

## Abstract

*In this article, it is intended to contribute to a (re)realization of conscience, in which human being, creature of God, united to other creatures, plays an important role in the care and salvation of the cosmos, finding in God's*

\* Luiz Alexandre Solano Rossi é professor/pesquisador no Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR. E-mail: luizalexandrorossi@yahoo.com.br

\*\* Érica Daiane Mauri é bióloga e especialista em Teologia Bíblica (AT e NT) pela PUCPR. Mestranda em Teologia pela PUCPR. E-mail: ericadmauri@gmail.com

*command to “cultivate and keep” the meaning of his existential mission. Through an integrated spirituality that breaks with a selfish anthropocentric vision and leads to a deep relationship with the Creator God and their creatures, capable of promoting a change of behavior, with effective actions for the preservation and conservation of the environment. Genesis 2:15 could be considered the first and most fundamental of the commandments. It is the most fundamental of the commandments because it causes the human to look at the earth from whence he proceeds; a look at the land that precedes it and that needs to be cultivated and saved. Before even caring for one another, it would be necessary to take care of the house that houses us.*

**Keywords:** *Creation. Spirituality. Ecology. Behavior. Gn 2,4b-25.*

## **Introdução**

Muitos são os problemas enfrentados pela sociedade moderna e pós-moderna, que pressupõem soluções ainda no campo primário da existência, tais como: sua identidade frente ao mundo, sua missão e relação para com ele. Nos últimos séculos, o enfoque das perguntas que a humanidade realizou perante as relações naturais sofreram mudanças. No início a principal preocupação era em responder a seguinte questão: Como conhecer e dominar as relações naturais, a fim de usufruí-las e promover o bem-estar da humanidade? As recentes questões se tornaram complexas e buscam respostas para: Quão intimamente as relações naturais se estabelecem, a ponto de permitir o seu uso pela humanidade sem que, com isso, provoquem a inexistência da própria vida humana? Assim, ganham destaque no cenário mundial os temas ambientais, como fruto, inicialmente, da necessidade de bem gerir os recursos naturais a fim de que estes não falem e afetem, conseqüentemente, a economia baseada na produção de bens de consumo. Mas, que nas últimas décadas vem ganhando objetivos mais nobres, como a própria preservação da vida na sua plenitude.

Os conceitos e assuntos ambientais ou ecológicos deixaram, há tempos, de serem discursos acadêmicos ou diplomáticos e ganharam a consciência popular, sem, porém, resultar numa efetiva mudança de atitude. Não são desconhecidas as muitas conseqüências que já afetam a humanidade, principalmente os mais pobres: falta de água potável, alteração no regime de chuvas, desertificação, perda de produtividade, fome, exilados climáticos etc. Hoje não mais se discute quais são as conseqüências da desenfreada exploração dos recursos naturais que tem sido realizada nos últimos séculos, fruto do modelo econômico estabelecido, mas sim quais são as possíveis soluções que se apresentam para mitigar os danos causados.

Frente a isso, cabe a todas as áreas do conhecimento, inclusive à teologia bíblica, encontrar respostas e apresentar soluções viáveis para o que se impõe como realidade presente.

### Leituras em Gênesis: dominadores ou libertadores da criação?

A tradição judaico-cristã recebeu duras críticas sobre a interpretação dada aos capítulos iniciais do Livro do Gênesis, onde, segundo o novo paradigma ecológico, haveria legitimado a exploração desmedida do ambiente natural através da interpretação de Gn 1,28 “submete e dominai a terra”. Segundo Lynn White Jr. “o Cristianismo não só estabeleceu um dualismo entre homem e natureza, como também incentivou que era a vontade de Deus que o homem explorasse a natureza para seu próprio benefício”, e ressalta que “as implicações que tem o cristianismo para a conquista da natureza surgiram mais facilmente na atmosfera ocidental” (2007, p. 83-84). Apesar do autor Juan L. Ruiz de la Peña considerar que tais acusações são “historicamente injustas e exegeticamente infundadas” (1989, p. 158), o Papa Francisco em sua encíclica *Laudato Si'* ressalta que “Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas” (LS 67). Rossi (2002, p. 26), por sua vez, afirma que por muito tempo enxergamos a vida apenas pela percepção que temos da nossa vida e domínio sobre a vida dos animais e das plantas. Se a cosmovisão ocidental cristã sobrevaloriza o domínio da terra, ao seguir essa orientação, poderíamos somente nos aproximar dela apenas na medida em que ela pode ser útil a nós. Por isso, Rossi acrescenta, “essa visão é por demais insuficiente e inadequada para a compreensão da nossa realidade” (2002, p. 26).

É possível, sim, dizer que o ser humano ocupa um lugar especial na criação. Todavia, não como Deus, semideus ou um super-humano. Seu lugar especialíssimo na ordem da criação o reconhece como plenamente humano e responsabilmente humano: “Que coisa é o ser humano, para dele te lembrares, o filho do homem, para o visitares? No entanto, o fizeste só um pouco menor do que um deus, de glória e de honra o coroaste. Tu o colocaste à frente das obras de tuas mãos” (Sl 8,5-7). Surge, assim, um novo conceito, a Ecoteologia, que “rebate as críticas do que o cristianismo, desde as origens, foi o grande responsável pela atitude de dominação sobre o planeta” (MURAD, 2016, p. 222), e “propicia novas leituras dos relatos da criação, superando uma visão antropocêntrica egoica e dominadora” (MURAD, 2016, p. 211). Segundo Afonso Murad, a ecoteologia não “é um pequeno setor [da teologia], que se ocupa somente de questões ambientais ou da teologia da criação. Consiste em uma perspectiva, um enfoque, que permite reorganizar dados da fé, inferir, dialogar e aprofundar” (2016, p. 222). O autor ressalta, ainda, a necessidade da interpretação adequada da Sagrada Escritura como meio de estruturar uma ecoteologia cristã.

Deste modo, a teologia

tem uma participação discreta, mas importante, pois pode e deve colaborar para que mude a atitude teórica e prática do ser humano e da sociedade em

relação ao meio ambiente [...], pois, com o discernimento que lhe é próprio, pode ajudar as comunidades eclesiais a se posicionarem de maneira mais construtiva e harmoniosa com o seu meio ambiente e a apoiarem todos os esforços locais, nacionais e internacionais que procuram responder ao desafio ecológico dentro de uma perspectiva integral do homem (RUBIO, 2001, p. 559-560).

Frente a isto, procuramos nesse artigo uma primeira aproximação e interpretação com elementos atuais do capítulo 2 do Livro do Gênesis, em especial o versículo 15, como alternativa ao “submeter e dominar a terra”, como sugere o Papa Francisco ao dizer que “é importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (cf. Gn 2,15)” (LS 67). E deste modo, contribuir para uma (re)tomada de consciência, em que o homem, criatura de Deus, irmanado às demais criaturas, apresenta papel importante no cuidado e salvação do cosmos, encontrando no mandato de Deus “cultivar e guardar” o (re)significado de sua missão existencial. Por meio de uma espiritualidade integrada, que rompe com uma visão antropocêntrica egoísta e leve a uma relação profunda com o Deus Criador e suas criaturas, capaz de promover uma mudança de comportamento, com ações efetivas em prol da preservação e da conservação ambiental.

Gn 2,15 poderia ser considerado o primeiro e o mais fundamental dos mandamentos. Trata-se do mais fundamental dos mandamentos porque faz com que o humano olhe para a terra de onde ele procede; um olhar para a terra que o antecede e que precisa ser cultivada e guardada. Antes mesmo de cuidar uns dos outros, seria necessário cuidar da própria casa que nos abriga. Afinal, do que serviria cuidar uns dos outros se não tivermos uma casa saudável que nos abrigue e nos dê segurança de perpetuidade?

Perante o exposto, esta temática apresenta importante relevância frente ao contexto contemporâneo, tendo em vista os grandes e complexos desafios enfrentados pela humanidade em relação à ecologia.

O Livro do Gênesis é o primeiro livro da Bíblia, incluído no grupo denominado de Pentateuco, relata em especial: a história da criação do mundo, do homem e da mulher, a relação do pecado, a formação das civilizações, a história dos patriarcas e conclui com a história de José. Os capítulos 1 a 11 deste livro são classificados como Escritos Mitológicos ou da Origem, e os demais capítulos, como História dos Patriarcas.

Os dois relatos sobre a origem ou criação do mundo encontram-se nos dois primeiros capítulos do Livro do Gênesis. O primeiro relato, apresentado em Gn 1,1-2,4a de fonte ou tradição sacerdotal e de construção recente, datada da época pós-exílica (538 a 450 a.C.), apresenta, segundo von Rad

os resultados de uma rigorosa reflexão teológica e cosmológica em uma linguagem que nomeia as coisas breve e diretamente. Suas declarações não

insinuam, como os javistas, um sentido oculto; ao contrário, apresentam contornos bem precisos e não querem dizer mais do que expressam. Precisamente para chegar a esta concentração e precisão teológica, a descrição sacerdotal se despojou de toda emoção poética ou estática até o limite da rigidez (RAD, 1986, p. 190-191).

O segundo relato da criação, descrito no capítulo 2 dos versículos 4b-25 é possivelmente de uma tradição diferente do relato descrito no primeiro capítulo. Muitos autores não reconhecem nestes versículos o relato próprio da criação ou origem do mundo, mas apenas a criação do homem e da mulher e a base para a explicação da origem do pecado ou do mal relatado no capítulo seguinte. Entretanto, estes versículos apresentam “elementos que interessam a uma doutrina da criação” (PEÑA, 1986, p. 40). E, segundo Alfonso García Rubio, “constitui uma narrativa simples, exuberantemente imaginativa e de grande liberdade de estilo, mas com um conteúdo teológico bem profundo” (2001, p. 160). A narrativa javista apresenta alguns pontos abordados no relato sacerdotal, “desenvolvendo-os de maneira mais pormenorizada e de forma diversa” (BALLARINI, 1975, p. 164), sendo eles: a criação do homem e da mulher, a finalidade dos vegetais, a superioridade sobre os animais e a finalidade da vida conjugal. O cenário onde as narrações são construídas apresenta também significativa divergência: “na primeira, a amplidão do universo; na segunda, um pedaço de terra, limitados por horizontes acanhados” (BALLARINI, 1975, p. 164). De forma geral, podemos resumir o relato da criação do capítulo 2, como tratando,

principalmente, da criação da humanidade e das condições de vida sobre a terra, que precisa de um ser humano para seu cultivo. A fertilidade da terra depende da água. As árvores devem fornecer alimento ao ser humano que não pode sequer viver sem companhia. Por isso, Deus cria os animais e depois a mulher (SKA, 2003, p. 72).

Em relação a estas duas narrações, Gerhard von Rad ressalta que

entre elas existe a maior diversidade que se pode imaginar, tanto na linguagem como na sua mentalidade e em sua composição; mas embora o javista aborda seus temas de maneira muito distinta de P [sacerdotal] – usa em efeito um estilo simples e figurativo – não devemos subestimar sua incalculável riqueza teológica. De fato, neste capítulo sua exposição é muito mais didática que do documento sacerdotal, na qual se move especialmente no âmbito das distinções teológicas (1986, p. 189-190).

Assim, o Papa Francisco diz que “estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (LS 66). Numa interpretação da relação com a terra, em especial, olhando para o versículo 15 do capítulo 2,

como segue: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (BÍBLIA de Jerusalém). É notável que os verbos ‘cultivar’ e ‘guardar’ ganham destaque relevante perante a atual crise ecológica. Muitos autores encontram neste versículo a dignidade do trabalho, mostrando que a ideia de um Jardim de Delícias ou Paraíso não subentende o ser humano ocioso e livre de responsabilidades, “não sendo [o trabalho] uma punição, como se diz às vezes, mas parte integrante da vocação do homem” (GRELOT, 1982, p. 34). Assim, perante o mandato de ‘cultivar e guardar’, o homem “deve trabalhar, isto é, aperfeiçoar agradavelmente o seu provento espontâneo, e deve guardá-lo, e isto em geral se entende pelo dever de conservá-lo para si e seus descendentes observando a ordem divina” (BALLARINI, 1975, p. 169). O cumprimento deste mandato “deve ser a resposta do ‘*adam* aos dons de Deus” (RUBIO, 2001, p. 161). Devemos observar que em 2,15 encontramos de forma bastante clara que o sujeito do cultivar e guardar não se restringe a uma ou outra pessoa. O vocábulo hebraico não deixa lugar a dúvida quando utiliza a expressão ‘*adam*, ou seja, a vocação de “jardineiros do jardim” alcança a totalidade das pessoas. Nesse sentido, pode-se dizer que o ser humano nasce com uma vocação fundamental relacionada à própria ordem da criação. Não podemos nos pensar e nem mesmo existir sem a vocação que é peculiar a cada um.

Deste modo, o “cultivar e guardar” deve ser visto como uma ação que compreende a própria identidade do ser humano em relação ao mundo criado e ao seu Criador, como forma de gratidão e reconhecimento da bondade de Deus para com o próprio homem. Pois, “a criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos” (DA, n. 125). A vocação de cultivar e guardar o jardim nos leva à construção de um ambiente de convivência e de inclusão, ou seja, nele construímos uma espiritualidade de três fios: um que nos integra à criação, outro que nos conduz ao irmão e um terceiro que nos leva a Deus. Tratar esta missão com inconsequente irresponsabilidade é imprudente e danoso.

Sobre isso, Pannenberg afirma:

Visto, porém, que o mundo da natureza, apesar do poder de domínio sobre ele transmitido ao ser humano, permanece criação de Deus, o abuso autocrático da missão divina de domínio por parte do ser humano recairá sobre ele mesmo e o arrastará para a ruína. Neste sentido justamente a crise ecológica pode ser entendida, no fim da Modernidade emancipatória, como recordação de que, ora como dantes, o Deus da Bíblia permanece Senhor de sua criação e que a arbitrariedade do ser humano no trato com ela não pode ser expandida sem limites e que não fica sem consequências (2001, p. 296).

Nesta mesma linha, afirma o Documento de Aparecida: “desatender as mútuas relações e o equilíbrio que o próprio Deus estabeleceu entre as realidades

criadas é uma ofensa ao Criador, um atentado contra a biodiversidade e, definitivamente, contra a vida” (DA, n. 125).

### Conclusão

A espiritualidade que emerge de Gn 2,15 neutraliza qualquer tentativa de brutalização da vida. Nela, a relação com a natureza não é de caráter mercantil, mas, sim, de cumplicidade na sobrevivência. Nesse aspecto, poderíamos pensar num novo paradigma de espiritualidade que nos coloca “com” a natureza como irmãos e irmãs, em contraposição ao paradigma da brutalização que nos coloca “sobre” a natureza e “sobre” as demais pessoas como senhores.

Torna-se necessário assumir de forma coletiva nossa responsabilidade pela criação do mundo e de nós mesmos. Caso contrário, corremos o sério risco de mantermos o espírito de brutalização presente em nós. Não podemos nos esquecer que a urgente necessidade de sobreviver é universal, e as necessidades fundamentais de sobrevivência, liberdade, justiça e respeito são comuns a todas as pessoas e também à natureza. Todos somos expressões de um mesmo corpo vivo comum, com toda a terra, as estrelas, as galáxias, enfim com todo o cosmos.

É fundamental reconhecer que o social, o ecológico e o religioso se encontram cada vez mais intimamente ligados. A consequência de tal percepção nos levará a nos reconhecermos como um único e mesmo corpo, em uma profunda interdependência, de tal forma que, se eliminarmos uma parte, todo o corpo se sentirá agredido.

*Luiz Alexandre Solano Rossi  
Érica Daiane Mauri*

### Referências bibliográficas

BALLARINI, Teodorico (DG). *Introdução à Bíblia*: com antologia exegética. V. II/1. Petrópolis: Vozes, 1975.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB, São Paulo: Paulinas, 2007.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

GRELOT, P. *Homem, quem és?* Os onze primeiros capítulos do Gênesis. Col. Cadernos Bíblicos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

LYNN, White Jr. Raíces históricas de nuestra crisis ecológica. *Revista Ambiente y Desarrollo*. Santiago de Chile, 23 (I): 78-86, 2007.

MURAD, Afonso (org.). *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. V. II. São Paulo: Paulus, 2009.

PEÑA, Juan L. Ruiz de la. *Teologia da Criação*. São Paulo: Loyola, 1989.

RAD, Gerhard von. *Teologia del antiguo testamento*. V. I. Salamanca: Sígueme, 1986.

ROSSI, Luiz Alexandre S. “A reeducação do olhar: leitura popular da Bíblia e a emancipação do ser humano na construção de um planeta saudável”. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 75, p. 22-27, 2002.

\_\_\_\_\_. “Da brutalização da religião à sua consciência ecológica”. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 4, p. 591-604, jul/ago. 2001.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade – O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

SKA, Jean Louis. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2003.